

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIII ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
IX CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Comunicação Científica
GRUPO DE PESQUISA: Ensino de Ética e Teorias do Jornalismo

Como se ensina ética profissional? Pedagogias, metodologias e tecnologias adotadas por professores de jornalismo no Brasil¹

Rogério Christofolletti²
rogerio.christofolletti@uol.com.br

Resumo

O ensino de jornalismo é pouco estudado e ainda insuficientemente discutido no Brasil. A dimensão que se ocupa da formação ético-profissional atrai menos atenção ainda. De fato, este cenário não é exclusividade do Jornalismo e se estende por outros campos de conhecimento. Neste artigo, são os professores das disciplinas de ética jornalística quem fornece dados importantes sobre como se ensina deontologia nos cursos superiores da área no país. O estudo se apoia numa amostra dos cem cursos brasileiros mais tradicionais e os professores responderam a um questionário onde apontam como apoiam suas práticas pedagógicas, que metodologias e tecnologias utilizam. Os resultados sugerem que, embora onipresente, o ensino de ética jornalística ainda carece consolidar seus conteúdos e abordagens. Apontam também para esforços dos docentes para dinamizar suas aulas.

Palavras-Chave:

Ética Jornalística. Ensino de Jornalismo. Pedagogia da Comunicação. Metodologia de Ensino. Tecnologia Educacional

1 Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa “Ensino de Deontologia nos cursos superiores de Jornalismo no Brasil: pedagogias, metodologias e tecnologias”, financiada pelo CNPq com recursos do Edital Universal 2008.

2 Jornalista, doutor em Ciências da Comunicação. Professor do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista de Produtividade do CNPq.

O ensino superior reserva problemáticas que extrapolam os limites da sala de aula, já que os resultados dos esforços ali empreendidos se refletem – em maior ou menor grau – nas relações a serem estabelecidas entre os profissionais recém-formados e a sociedade em geral. O ensino superior reserva para si não apenas a preparação formal para o mercado de trabalho, mas também auxilia na formação de cidadãos executores de tarefas complexas, empreendedores em diversas áreas e novas lideranças sociais e profissionais.

Há carreiras em que a formação é um processo delicado, estratégico e fundamental para se moldar profissionais não apenas eficazes e eficientes, mas também comprometidos e preocupados com os desenvolvimentos social e humano. É o caso dos profissionais da saúde, mas também o dos comunicadores, em especial os jornalistas. Uma já consagrada literatura aponta o jornalismo como atividade essencial para a consolidação das democracias, para o desenvolvimento das sociedades e para a difusão de conceitos complexos como o de “cidadania” e “livre pensamento”, por exemplo. Neste sentido, formar novos jornalistas implica não apenas satisfazer as demandas mercadológicas das empresas do setor. Aspirações de um imaginário político-social - onde jornalistas e meios desempenham papéis de fiscalização dos poderes, por exemplo – também precisam ser satisfeitos. A sociedade associa modelos de sociedades plenamente desenvolvidas a uma imprensa atuante e movida por profissionais capazes e envolvidos. Neste sentido, a formação dos jornalistas é um assunto que interessa também aos que não estão diretamente ligados a este tipo de ensino, como alunos e professores.

1. Uma problemática de ensino para muitas áreas

É verdade que no Brasil o ensino de jornalismo tem uma história ainda a se consolidar, já que os primeiros esforços datam de 1948. Na Espanha, começou em 1887 e nos Estados Unidos, em 1903. É verdade também que o ensino brasileiro de jornalismo também ainda enfrenta resistências do mercado e da categoria profissional, o que ajuda a minar o terreno que separa a academia dos setores produtivos. Essas características aliadas a uma produção científica escassa sobre o ensino de jornalismo tornam o tema delicado, mas ao mesmo tempo atraente dadas as muitas chaves de entrada para discussão e reflexão. Ainda mais em alguns quadrantes da formação, como o ético-profissional, por exemplo, onde sobram questões: é possível ensinar ética jornalística nos cursos? Como são preparados novos repórteres e editores quando o assunto é ética? Os professores da área estão plenamente capacitados para a tarefa? Que recursos subsidiam suas práticas? Como

os conteúdos deontológicos aparecem nos currículos? E como os cursos oferecem esses saberes?

A matéria é complexa, mas não se restringe ao campo do jornalismo. Sebenello (2001) conta que nas engenharias também a disciplina é “relativamente nova no Brasil” e não tem tradição ou conteúdos uniformes e consagrados. Sá (2007), que se dedica à deontologia na profissão contábil, também se queixa da “escassa literatura” sobre ética profissional apesar de ser um tema muito abrangente e que toque a maioria das atividades. Santoro (2006) afirma que “pouquíssimos” operadores do Direito se interessam pela matéria e isso se dá, na maioria das vezes, em que esses profissionais têm de enfrentar uma questão ética. Tanto no caso de Sá quanto no Santoro, suas obras se colocam como esforços para dirimir dúvidas na área ou para motivar o interesse dos profissionais em aspectos práticos de suas respectivas éticas classistas.

Na Enfermagem, Germano (1993) realizou ampla pesquisa para concluir que lá o ensino contribui para a disseminação de uma “ética alienada”, ancorada muito mais na coerção externa e na obediência a uma autoridade do que na reflexão autônoma dos profissionais a partir de valores e princípios. Ainda na área da saúde, d'Ávila defende que o ensino de ética médica reformule-se com base em conceitos de Filosofia, Sociologia e Antropologia, aproveitando-se também experiências clínicas para fomentar debates em torno de situações cotidianas. Seu viés é buscar o espelhamento de condutas irrepreensíveis dos profissionais mais velhos³:

... só o exemplo dos mestres, ensinando com suas condutas e atitudes éticas ao se relacionarem com os pacientes, ao os examinarem diante dos alunos e, o que pode ser mais importante, ao se referirem aos pacientes é o que será introjetado na consciência do educando sob a forma de noção do bem a ser feito e do mal a ser evitado. (2002: 122)

No campo da Comunicação em geral e no Jornalismo em específico, as disciplinas de ética profissional encontram não só pouquíssimas referências sobre o seu ensino como também impasses para suas operacionalizações. Apesar do crescimento de títulos sobre o assunto, há poucos fóruns específicos de discussão e quase nenhum periódico voltado exclusivamente sobre o tema. Os encontros do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo têm se mostrado honrosas exceções, mas mesmo assim o acumulado teórico e

³ A mesma perspectiva de ensino é defendida por Buitrago (2008), que percorre a história da filosofia e sublinha alguns pensadores na condição de “mestres”, cujos exemplos, atitudes e ideias podem vir a nos orientar em nossa formação. O tom do autor é moralista e com evidente filiação religiosa, mas interessa aqui salientarmos sua tese de que o professor atua como formador moral no sentido de que inspira, que dá exemplo, que fornece modelo de atuação.

o repertório de experiências didáticas e práticas de ensino exitosas é pequeno diante das muitas possibilidades da matéria. Em abril de 2006, o Fórum criou o grupo de trabalho “Ensino de Ética e Teorias do Jornalismo”, âmbito privilegiado para tais debates e que passou a funcionar no 10º Encontro Nacional dos Professores de Jornalismo no ano seguinte, em Goiânia. Em três anos, o grupo de trabalho tem sido o que menos atrai trabalhos para apresentação, mas mesmo assim tem se mostrado uma das poucas ocasiões em que se discute ensino de ética nos cursos de Jornalismo brasileiros.

Conforme se percebe neste brevíssimo sobrevoo, o ensino de ética profissional ao mesmo tempo em que é fundamental nas formações, é pouco estudado ou discutido. Nas páginas a seguir, objetiva-se apresentar resultados parciais de uma pesquisa que se deteve sobre o ensino de ética nos cursos de Jornalismo no país. O estudo debruçou-se mais em questões da educação do que de jornalismo, já que a preocupação se circunscreve ao ensino da área. Enquanto em outro artigo, é detalhada a presença das disciplinas deontológicas nos currículos dos cursos (CHRISTOFOLETTI, 2010), aqui são os próprios docentes da área quem fornecem relevantes pistas sobre como se ensina ética jornalística, que recursos sustentam tais práticas, que conteúdos poderiam ser incluídos e que outras competências poderiam ser desenvolvidas.

2. Procedimentos metodológicos

Para responder aos questionamentos anteriores, recorreu-se a um conjunto de técnicas de pesquisa que, associadas, permitiram o acesso a informações que nem sempre estão evidentes em planos de ensino, projetos pedagógicos dos cursos e outros documentos institucionais dos cursos.

Inicialmente, a pesquisa bibliográfica permitiu um panorama sobre o ensino de jornalismo e sobre a formação deontológica nos cursos da área. Um aspecto curioso foi identificado: no mercado editorial brasileiro, há um quantidade razoável de títulos sobre ética profissional, mas esses abordam princípios e valores do jornalismo, historicizam casos cotidianos da imprensa e analisam as condutas dos profissionais. Carece nas livrarias e nas bibliotecas as obras que se debrucem sobre o ensino de conteúdos ético-profissionais no jornalismo. Nota-se a mesma escassez nas revistas científicas especializadas.

Após a pesquisa bibliográfica, passou-se à documental, onde seriam identificadas as disciplinas que contribuem para a dimensão deontológica da formação dos jornalistas. Diante da impossibilidade de verificar todos os cursos da área no país – há imprecisões até

mesmo nos dados da Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação -, optou-se por uma amostra do universo de mais de mil ofertas em Comunicação, das quais mais de trezentas são em Jornalismo. Decidiu-se fechar a amostra nos cem cursos mais antigos da carreira, de maneira a compor uma amostra abrangente, equilibrada e representativa da realidade do ensino de Jornalismo no Brasil. As características da população da pesquisa demonstram isso: o intervalo de surgimento dos cursos abrange o período de 1947 a 1999; há cursos de 19 unidades da federação, de todas as regiões⁴; e são cursos instalados em faculdades, universidades e centros universitários municipais, estaduais e federais, em instituições públicas e particulares.

Dos cem cursos mais antigos foram obtidos matrizes curriculares, ementários e planos de ensino das disciplinas, documentos que possibilitaram a identificação da natureza, da presença, da duração e das especificidades das matérias ético-profissionais oferecidas pelos cursos⁵. Entre a população da pesquisa, apenas um curso não oferece disciplinas que tratem dessa dimensão formativa, fato que demonstra um interesse quase consensual da necessidade de contemplar tais conteúdos nos currículos. Foi ainda percebido que é comum os cursos vincularem deontologia, ética e legislação do setor, e que às vezes, as disciplinas oscilam entre os campos da Comunicação, do Jornalismo, da Filosofia e do Direito.

Tendo em vista que esses documentos apenas sinalizam intenções, proposições e planejamentos pedagógicos e que são dinâmicos os processos de ensino de aprendizagem e o cotidiano de sala de aula, esta pesquisa partiu para uma terceira técnica: entrevistar os professores das disciplinas de forma a ter acesso a metodologias, pedagogias e tecnologias aplicadas ao ensino de ética jornalística. Foi mantida a amostra do estudo, e as coordenações de todos os cem cursos mais antigos foram contatadas, informando a realização da pesquisa, e solicitando os nomes e emails pessoais dos professores responsáveis pelas disciplinas da área.

Uma primeira mensagem eletrônica foi encaminhada aos professores das disciplinas, explicando os objetivos da pesquisa e convidando a participarem dela. Na segunda mensagem, foi enviado aos professores um link com a direção de um questionário eletrônico, de fácil e rápido preenchimento, garantindo-se o anonimato e a confidencialidade das informações. O questionário foi elaborado e hospedado no

4 A proporção da amostra dos cursos é a seguinte: 56% da região sudeste, 24% do sul, 12% do nordeste, 7% do centro-oeste e 1% do norte.

5 Um perfil dessas disciplinas está no artigo “Ensino de deontologia jornalística: um olhar sobre os currículos dos cem cursos mais antigos do país”, ainda inédito e em fase de publicação: Christofolletti (2010).

GoogleDocs, continha 18 questões, sendo 15 de múltipla escolha e três discursivas (cf. APÊNDICE 1). O questionário ficou disponível para preenchimento por quatro semanas, entre os meses de maio e junho de 2009, e 35 professores responderam. Os resultados são apresentados e discutidos a seguir.

3. Ética jornalística sob o viés do ensino

O questionário eletrônico respondido pelos professores das disciplinas com conteúdos ético-profissionais mesclou questões discursivas e de múltipla escolha, e elas buscavam respostas que podem ser enquadradas em quatro aspectos: caracterização da disciplina e dos professores, a relação entre a disciplina específica e a formação geral dos jornalistas, aspectos pedagógicos, e tecnologias aplicadas à disciplina pelos docentes.

3.1 As disciplinas e os professores

A primeira questão perguntava sobre o título da disciplina sobre ética lecionada. Mais da metade dos sujeitos da pesquisa (56%) assinalou as alternativas “Legislação e Ética em Jornalismo” ou sua variante “Ética e Legislação em Jornalismo”, 9% respondeu ser “Ética Jornalística”, 6%, “Ética e Cidadania” e 3%, “Ética”. Mais de um quarto dos respondentes (26%) marcou “Outra”. Duas conclusões iniciais: a) na maioria dos casos, conteúdos de deontologia são oferecidos junto com os de legislação na área; b) há grande diversidade na nomenclatura das disciplinas deste tipo, já que a forte presença da alternativa “Outra” sinaliza a pulverização de respostas possíveis.

Tendo-se observado nos currículos dos cursos a proximidade e, em alguns casos, a intercessão entre legislação e ética, foi perguntado aos sujeitos da pesquisa em que proporção deveriam ser oferecidos os conteúdos de uma área e outra (Questão 4). As respostas mostraram não haver uma preocupação com essa porosidade: 35% afirmaram “meio a meio e juntos”; 21%, “meio a meio e separados”; 32% marcaram a alternativa “mais ética e deontologia”; 1%, “mais direito e legislação” e 2%, assinalaram “pouco importa a proporção, mais importante é que sejam oferecidos juntos”. Note-se que 62% dos docentes consideram que conteúdos de Ética e de Legislação devem ser ensinados juntos aos futuros jornalistas, e menos de um terço prefere que haja predomínio de conteúdos mais reflexivos e deontológicos. Essa posição contraria argumentos de especialistas da área, como Cheida (2007), Gentili (2001), Christofolletti (2007; 2009) e

Karam (1997), que advogam disciplinas mais específicas.

A caracterização dos docentes que responderam à pesquisa auxilia a visualizar um perfil dos professores de ética jornalística no Brasil. Majoritariamente, têm formação na área – em Comunicação ou Jornalismo - (66%) e são experientes, lecionando a disciplina há mais de cinco anos (51%). 14% dos docentes afirmaram ter graduações em Direito ou Filosofia – o que ajudaria a explicar porque em alguns casos, as disciplinas se limitam a aspectos jurídicos ou à história das correntes filosóficas; 3% são formados em Teologia ou Letras; e 17% têm outras formações.

3.2 Disciplinas deontológicas e a formação dos jornalistas

Sete perguntas do questionário trataram da relação entre as disciplinas ético-profissionais e a formação geral de repórteres, redatores e editores. Sobre a importância da matéria, 70% dos sujeitos responderam ser “muito relevante”; 15%, ser “a mais relevante do curso”; e outros 15% a consideram “relevante”. As alternativas “pouco relevante” e “descartável” foram ignoradas e não tiveram nenhuma resposta.

Mercado e academia se conjugam e se chocam nas disciplinas deontológicas. Os resultados foram bem fracionados no que tange a relação dessas matérias com os mundos da escola e do trabalho. Para 42% dos consultados, a disciplina de ética, sua presença no currículo e sua ementa “ressaltam aspectos mais acadêmicos e teóricos na formação dos novos jornalistas”; para um terço dos sujeitos, a matéria “aproximam mercado e academia”; para 15%, “contrapõem mercado e academia”; e para 9%, “salientam um caráter mais mercadológico e profissional na formação dos novos jornalistas”.

A presença de conteúdos ético-profissionais nos currículos foi considerada “suficiente e em boa dose” para 68% dos docentes, e “insuficiente” para 32%. Os professores se dividem mais quando o assunto é a bibliografia de ética jornalística: para 47% dos entrevistados, ela é “suficiente para a disciplina”; para 32%, parcialmente; e 21% consideram a bibliografia deficiente.

Embora se perceba nos currículos a oferta frequente de disciplinas que mesclam conteúdos de ética, deontologia e legislação, os docentes – na maioria das vezes (82%) – reconhecem “diferenças significativas” entre essas áreas. Uma parcela de 12% não vê distinções, enquanto que 6% afirmam não se importarem com isso. A consciência das distinções – expressa nesta questão – e a preferência pela oferta dos conteúdos conjugados desses saberes – demonstrada na pergunta 4 – reforçam pouca resistência na aproximação

(e até uma certa confusão) entre legislação, ética e deontologia. Essa posição ajuda a explicar a natureza porosa de algumas disciplinas e a heterogeneidade de seus conteúdos.

Quando questionados sobre que conteúdos ou temas não constam de suas disciplinas e seriam bem-vindos, alguns docentes queixaram-se mais da carga horária que tem à disposição do que das ementas das matérias. Segundo as respostas abertas, em muitos casos, há tempo insuficiente para incluir novos tópicos de ensino e mesmo para aprofundar os já existentes nos planos de aula. O fator tempo é impeditivo de mais flexibilidade e mais mobilidade nas disciplinas.

Alguns respondentes sugeriram que conteúdos de uma “História Moral do Jornalismo” e que articulassem avanços tecnológicos e implicações éticas no cotidiano pudessem compor as ementas de suas disciplinas. Um docente foi além, propondo que a disciplina de ética fosse “desdobrada” ao longo de mais semestres, a exemplo do que se faz com algumas matérias de base, como Língua Portuguesa ou Redação. A preocupação do respondente é com a “capacitação teórica e pedagógica de alguns professores em relação a conteúdos referentes à ética”. Acreditando haver dilemas próprios de alguns meios, o respondente sugere a inclusão nos currículos de disciplinas complementares de “Ética em Radiojornalismo”, “Ética em Telejornalismo”, etc.

O questionário dirigido aos professores perguntou também que competências a disciplina de ética ajuda a desenvolver nos alunos. Os resultados foram reagrupados assim:

Competências para ser jornalista ... ligadas aos saberes jornalísticos ... associadas ao fazer jornalístico	Criticidade e Distanciamento
	Maior capacidade de julgamento
	Postura proativa, socialmente responsável
	Capacidade para refletir sobre o fazer jornalístico, com tomadas de decisão seguras
	Discernimento entre interesse público de restritos a grupos
	Superação do jornalismo factualista, visando a um jornalismo reflexivo sobre a realidade
	Capacidade de avaliação do cotidiano da profissão
	Capacidade de tomar decisões sobre essas situações
	Capacidade de refletir sobre as consequências das atitudes
	Ser competente profissionalmente sem ferir a ética.
	Percepção de que a defesa da ética é uma causa política
	Consciência reflexiva para realizar questionamentos éticos
	Capacidade para antecipar situações de potenciais conflitos
	Consciência de cidadania
Sensibilidade social e Sensibilidade ambiental	
Engajamento nas organizações da profissão	
Domínio de conceitos jurídicos fundamentais ao jornalismo	

Pelo que se percebe no quadro acima, as competências e habilidades desenvolvidas nas disciplinas deontológicas contribuem não apenas para a formação técnica dos jornalistas, mas para aspectos que também se refletem nos relacionamentos entre profissionais, seus pares, seus públicos e outros atores sociais, dado que ilustra a dimensão radial da formação jornalística.

3.3. A disciplina e o professor em sala de aula

O questionário respondido continha ao menos quatro perguntas que permitiram entrever que escolhas pedagógicas os docentes têm feito para ministrar as disciplinas deontológicas nos cursos de Jornalismo.

A primeira destas questões indagava sobre quais dinâmicas são usadas em sala de aula. No formato de múltipla escolha e podendo ser marcada mais de uma alternativa, a pergunta apresentou os seguintes resultados: 86% dos docentes usam “leituras e discussões teóricas” para ensinar ética jornalística; 77% lançam mão de “estudos de casos”; 74% se apoiam em “aulas expositivas”; 51% organizam e conduzem “debates e julgamentos”; 49% afirmam orientar suas aulas pelo “ensino baseado em problemas”; 11% recorrem a “teatro, dramatização e vivências”. Uma fatia de 20% dos respondentes marcou a opção “Outros”. O fracionamento das escolhas mostra que os professores não se apoiam em apenas uma técnica de ensino, e que oscilam entre uma didática mais escolástica, elementar e conservadora – “cuspe e giz”, como diz o jargão – e experiências pedagógicas mais ousadas, criativas e inovadoras. Não existe um padrão único, exceto pelo fato de que o docente dessas disciplinas parece não se acomodar num terreno estabilizado, buscando constantemente dinamizar suas aulas.

Reforçam esse perfil as respostas à questão que perguntava sobre a linha ou corrente pedagógica em que o docente pensa se enquadrar. Para não influenciar a adesão a uma pedagogia ou outra, optou-se pelo formato aberto que permitia ao respondente escrever livremente sobre suas filiações teóricas. As respostas foram heterogêneas: da Pedagogia Renovada à Libertadora, do Construtivismo ao Marxismo com a assunção de pressupostos do Pós-Estruturalismo, do Sócio-Interacionismo à uma perspectiva teórico-prática. Alguns mencionaram metodologias de trabalho - Syllabus⁶ - e correntes mais recentes, como a Intellectopedagogia, Ecopedagogia e Egopedagogia, onde se conjugam o “saber conhecer e saber fazer”, o “saber conviver” e o “saber ser”. Foram registradas ainda

⁶ Um modelo didático apoiado em programas de estudos para que o aluno desenvolva autonomia de leitura e compreensão de textos.

respostas de docentes que “não sabem se encaixar pedagogicamente” ou que “não conseguem” fazê-lo. Este resultado é natural vindo-se de professores de Jornalismo – graduação do tipo bacharelado -, e muitas vezes sem capacitação formal para lecionar⁷.

Essa insegurança emerge sorrateira nas respostas à Questão 13, que trata de como o docente se avalia na disciplina. Embora a maioria considere-se “preparado tanto nos conteúdos quanto pedagogicamente” (62%), chama a atenção a parcela de 29%, que “gostaria de ter uma capacitação pedagógica” e a fatia de 1% que se sinta “totalmente inseguro”. Somados, representam quase um terço dos sujeitos da pesquisa, e conscientemente fragilizados num aspecto estratégico do processo de ensino-aprendizagem: o professor domina o conteúdo, mas não se sente plenamente capaz de ministrá-lo. É uma situação mais grave que a dos que se sentem bem preparados pedagogicamente, mas estejam inseguros quanto aos conteúdos (6%). Afinal, uma reciclagem ou atualização profissional podem dar conta desses casos.

O questionário aprofundava o tópico, indagando ao professor qual a sua maior dificuldade ao lecionar as disciplinas da formação ético-profissional. Era facultado ao respondente assinalar mais de uma alternativa. A maior parcela (47%) afirmou não ter dificuldades, mas este percentual sequer chega à metade dos sujeitos da pesquisa, o que permite inferir que os professores não estejam tão preparados pedagogicamente quanto assinalaram em questões anteriores. As demais alternativas foram assim marcadas: 21% sentem “necessidade de uma didática própria para essas aulas”; 15% dizem que a “bibliografia é escassa ou inacessível”; 15% queixam-se dos poucos materiais de apoio à disciplina; 12% afirmam desconhecer “literatura específica sobre ensino de ética que pudesse auxiliar”; para 9%, “a natureza da disciplina restringe o ensino a abordagens muito escolásticas e convencionais”; para 1%, “os temas são áridos e complexos demais, o que dificulta explorações mais aprofundadas”. Uma parcela de 15% assinala haver “Outras” dificuldades ao lecionar tais disciplinas.

Esta pesquisa não permite dimensionar qual o alcance dos problemas didático-pedagógicos existentes no cotidiano dos professores de Jornalismo nas disciplinas ético-profissionais, mas as respostas colhidas no questionário eletrônico evidenciam que há gargalos e entraves que podem dificultar esse tipo de ensino e, em casos mais graves, até comprometer a formação.

Novos estudos podem dar mais visibilidade a este cenário.

⁷ É preciso reconhecer ainda que a maioria dos cursos de pós-graduação em Comunicação não oferecem disciplinas voltadas à didática do ensino superior.

3.4 Tecnologias aplicadas à pedagogia

A abordagem aos docentes da área abrangia ainda cotejar tecnologias educacionais e o ensino deontológico. Três questões tratavam dessa interface. Na primeira, era questionado se era possível lecionar conteúdos ético-profissionais com recursos tecnológicos. A esmagadora maioria respondeu afirmativamente (97%), enquanto que o restante afirmou “Nunca pensei nisso”. Considerar que se possa lecionar tais conteúdos com recursos tecnológicos não significa necessariamente que esses dispositivos sejam imprescindíveis para o ensino. É o que demonstram os resultados da questão que inquiria se tecnologia era uma fator importante para essas matérias. A vigorosa resposta anterior fragmentou-se: 45% assinalaram “mais ou menos”; 42% marcaram “sim” e 12% responderam “não”.

Verificou-se uma nova pulverização de respostas diante da questão sobre os recursos tecnológicos usados nas disciplinas deontológicas. Sob o formato de múltipla escolha, a pergunta permitia assinalar mais de uma alternativa, caso o respondente assim o quisesse. A distribuição das respostas e sua heterogeneidade reforçam a disposição dos docentes em dinamizar suas aulas: 82% afirmam usar “filmes em vídeo”; 65% lançam mão de “apresentações multimídia (PowerPoint, por exemplo)”; 53% disseram recorrer a “blogs ou sites específicos”; 32% usam “retroprojetores”; 21% apoiam-se em “ambientes virtuais de aprendizagem”; 6% utilizam “lousa digital”; outros 6% assinalaram “chats e fóruns”; 3%, “sites de relacionamento”; 3%, “outros recursos”; 6% afirmaram não usar nenhum daqueles recursos.

Conflitantes, as respostas sobre a presença e o papel da tecnologia no ensino de ética jornalística mostram menos um problema central e mais uma questão periférica. Os professores não chegam a ser resistentes ao uso de recursos e até lançam mão a variados tipos – dos quase obsoletos retroprojetores a sites de relacionamento. Os docentes admitem que a tecnologia possa auxiliar, mas ela não parece ser condição *sine qua non* para uma formação efetiva e eficaz nesta dimensão.

Na encruzilhada do ensino de conteúdos ético-profissionais nos cursos brasileiros de Jornalismo, a tecnologia não é uma problema; é uma possibilidade. Mais delicado é o caso das metodologias empregadas e das pedagogias de suporte. Não se chegou a consolidar um método de ensino de ética jornalística por várias razões: a escola brasileira tem pouco mais de 40 anos e é relativamente recente, o conhecimento da área é dinâmico e mutante, e os próprios docentes ainda não amadureceram pedagogicamente, se

comparados a outros campos do saber, mais estabilizados.

Sem clareza de alguns fundamentos da Educação, carentes de instrução formal para o magistério superior e vivendo numa cultura ainda incipiente de debate pedagógico na área, os professores de jornalismo fragilizam seu papel na formação dos novos profissionais que vão movimentar as redações dos meios de comunicação e as agências de comunicação. Ruim para a Educação, ruim para o Jornalismo, mas muito pior para a sociedade a quem os jornalistas devem servir e atender os interesses.

Como a educação é um processo e como a evolução do ensino é uma resultante de movimentos endógenos e exógenos às escolas, resta a esperança de que o ensino de jornalismo em geral, e o de deontologia jornalística, em específico, desenvolvam-se com bases pedagógicas fortes e com eixos bem orientados.

Referências bibliográficas

BUITRAGO, José Penalva. O professor como formador moral: a relevância do exemplo. São Paulo: Paulinas, 2008

CHEIDA, Marcelo. A questão curricular e pedagógica na disciplina Ética e Legislação em Jornalismo. REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo. Brasília, v.1, n.1, pp.157-177, abr./jul. 2007

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Dez propostas para o ensino de ética jornalística no Brasil. Disponível em <http://www.fnj.org.br/noticias.php?act=listar&cod=422>, acessado em 14 de março de 2007

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ensino de deontologia jornalística: um olhar sobre os currículos dos cem cursos mais antigos do país. Florianópolis, 2010. Mimeo.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Formação ético-profissional: presença e evolução nos currículos de um curso de Jornalismo. XII Encontro Nacional de Professores de Jornalismo. Belo Horizonte: 2009. Disponível em <http://www.fnj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=603&cf=18>

D'ÁVILA, Roberto Luiz. É possível ensinar Ética Médica em um curso formal curricular? Bioética, volume 10, nº 1, pp. 115-126, 2002

GENTILLI, Victor. Lei, Ética e Deontologia. Observatório da Imprensa, nº 132, 1º de agosto de 2001. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da010820011.htm>, acessado em 10 de julho de 2007

GERMANO, Raimunda Medeiros. A ética e o ensino de ética na enfermagem do Brasil. São Paulo: Cortez, 1993

KARAM, Francisco José. Jornalismo, ética e liberdade. São Paulo: Summus, 1997

SANTORO, Felipe D'Amore. Curso de ética, deontologia e o Estatuto da Advocacia. São Paulo: Editora Pilares, 2006

SEBENELLO, L. I. S. O ensino de ética profissional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA, 29., 2001, Porto Alegre. Anais eletrônico. Porto Alegre: ABENGE, 2001, p. MTE – 109 a MTE - 116 [CD-ROM].

Apêndice 1

Questionário da Pesquisa: Ensino de Ética Jornalística

Olá!

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que investiga as disciplinas ético-profissionais nos cursos de Jornalismo. A pesquisa é financiada pelo CNPq, e ela se concentra em aspectos pedagógicos, metodológicos e tecnológicos. Peço, portanto, que responda às perguntas a seguir, o que deve durar cerca de 10 minutos. A sua participação é muito importante. Ela é voluntária e sua identidade será preservada. Os resultados da pesquisa serão usados apenas para fins acadêmicos. Caso tenha dúvidas ou interesse nos resultados, entre em contato pelo email: rogerio.christofoletti@uol.com.br

Muito obrigado pela sua participação!

Prof. Dr. Rogério Christofolletti
Pesquisador Responsável

1. Qual o título da disciplina sobre ética que você leciona?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Ética Jornalística | <input type="checkbox"/> Ética |
| <input type="checkbox"/> Legislação e Ética em Jornalismo | <input type="checkbox"/> Direito da Comunicação |
| <input type="checkbox"/> Ética e Legislação em Jornalismo | <input type="checkbox"/> Ética da Comunicação |
| <input type="checkbox"/> Deontologia Jornalística | <input type="checkbox"/> Outro: |
| <input type="checkbox"/> Ética e Cidadania | |

2. Há quanto tempo leciona essa disciplina?

- Há menos de 2 anos Há mais de 2 anos e menos de 5 Há mais de 5 anos

3. Qual foi seu curso de graduação?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Comunicação Social ou Jornalismo | <input type="checkbox"/> Direito ou Filosofia |
| <input type="checkbox"/> Teologia ou Letras | <input type="checkbox"/> Outro |

4. Você considera que conteúdos de ética e legislação devam ser oferecidos em que proporção nos cursos?

- Meio a meio, e juntos
 Meio a meio, mas separados
 Mais ética e deontologia
 Mais direito e legislação
 Pouco importa a proporção. Mais importante é que sejam oferecidos juntos

5. Para você, os conteúdos da disciplina, a sua presença na matriz curricular e a sua ementa...

- ... contrapõem mercado e academia
 ... aproximam mercado e academia
 ... salientam um caráter mais mercadológico e profissional na formação dos novos jornalistas
 ... ressaltam aspectos mais acadêmicos e teóricos na formação dos novos jornalistas

6. Que dinâmicas você usa em sala de aula para essa disciplina?

(Marque mais de uma alternativa, se precisar)

- Estudos de caso
 Ensino baseado em problemas
 Debates e julgamentos
 Leituras e discussões teóricas
 Teatro, dramatização e vivências
 Aulas expositivas
 Outro

7. Se você fosse se descrever, em que linha ou corrente pedagógica se enquadraria?

8. Que importância tem essa disciplina na formação de seus alunos como novos jornalistas?

- É a mais relevante do curso
 É muito relevante
 É relevante
 É pouco relevante
 A disciplina é descartável

9. A bibliografia disponível no Brasil para essa disciplina é suficiente?

- Sim Não Em parte

10. A presença de conteúdos ético-profissionais na matriz curricular de seu curso é...

- ... suficiente e em boa dose
 ... exagerada
 ... insuficiente e seria muito bom se fosse aumentada

11. Que conteúdos ou temas não constam desta disciplina e seriam bem-vindos?**12. Você vê diferença significativa entre ética e deontologia?**

- Sim Não Pouco importa

13. Como você se avalia na docência desta disciplina?

- Preparado em termos de conteúdos, mas gostaria de ter uma capacitação pedagógica
 Preparado tanto nos conteúdos quanto pedagogicamente
 Inseguro quanto aos conteúdos, mas bem preparado pedagogicamente
 Totalmente inseguro

14. É possível lecionar conteúdos ético-profissionais com recursos tecnológicos?

- Sim Não Nunca pensei nisso

15. Que recursos tecnológicos você usa nessas aulas? (Marque mais de uma alternativa, se necessário)

- Ambientes Virtuais de Aprendizagem
 Blogs ou sites específicos
 Chats e fóruns
 Sites de relacionamento
 Filmes em vídeo
 Apresentações multimídia (PowerPoint, por exemplo)
 Retroprojetores
 Lousa digital
 Não uso nada disso
 Outro

16. Tecnologia é um fator importante para lecionar essa disciplina?

- Sim
 Não
 Mais ou menos

17. Em termos pedagógicos, qual a sua maior dificuldade ao lecionar essa disciplina? (Se precisar, marque mais de uma alternativa)

- A bibliografia é escassa ou inacessível
 Há poucos materiais de apoio às aulas
 Sinto necessidade de uma didática própria para essas aulas
 A natureza da disciplina restringe o ensino a abordagens muito escolásticas e convencionais
 Os temas são áridos e complexos demais, o que dificulta explorações mais aprofundadas
 Desconheço literatura específica sobre ensino de ética que pudesse me auxiliar
 Não tenho dificuldades pedagógicas com essa disciplina
 Outro

18. Além de transmitir conteúdos, esta disciplina pode ajudar a desenvolver competências. Quais, por exemplo?